

**Questão 01**

CURSO E COLÉGIO

Examine o seguinte anúncio publicitário:



Revista Valor (Especial), Julho de 2011. Adaptado.

- a) Qual é a relação de sentido existente entre a imagem de uma folha de árvore e as expressões “Mapeamento logístico” e “caminho”, empregadas no texto que compõe o anúncio acima reproduzido?
- b) A que se refere o advérbio “aqui”, presente no texto do anúncio?

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO

- a) A impressão visual que o emaranhado de linhas da folha da árvore causa se assemelha a um mapa, demonstrando rotas, cruzamentos e passagens. A relação com o “mapeamento lógico” está presente justamente nessa semelhança visual ao mapa, enquanto “caminho” pela remissão visual que as linhas inter cruzadas fazem, lembrando-nos de caminhos presentes em uma representação cartográfica.
- b) O advérbio “aqui” se refere à expressão “mapeamento logístico” que, de acordo com a empresa, seria o responsável pela competitividade da indústria. Além disso, pode-se entender o “aqui” como fazendo menção à imagem da folha da planta amazônica e, por extensão, à floresta como um todo.

**Questão 02**

CURSO E COLÉGIO



Leia o texto.

*Ditadura / Democracia*

*A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: “Não posso me queixar”.*

Millôr Fernandes, Millôr definitivo: a bíblia do caos.

- a) Para produzir o efeito de humor que o caracteriza, esse texto emprega o recurso da ambiguidade? Justifique sua resposta.
- b) Reescreva a segunda parte do texto (de “Mas” até “queixar”), pondo no plural a palavra “cidadão” e fazendo as modificações necessárias.

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO



a) A ambiguidade está presente na fala do morador do país que vive uma ditadura. A fala “Não posso me queixar” pode significar tanto que ele não tem queixas (“não posso me queixar, pois não tenho reclamações”) ou que ele não tem a possibilidade de reclamar, não possui liberdade de expressão (“não posso me queixar, pois não tenho liberdade de expressão”).

b) Reescrevendo, temos:

“Mas se você perguntar a quaisquer cidadãos de uma ditadura o que acham do seu país, eles respondem sem hesitação: “não podemos nos queixar”.

**Questão 03**

CURSO E COLÉGIO



Leia este texto:

*Entre 1808, com a abertura dos portos, e 1850, no auge da centralização imperial, modificara-se a pacata, fechada e obsoleta sociedade. O país europeizava-se, para escândalo de muitos, iniciando um período de progresso rápido, progresso conscientemente provocado, sob moldes ingleses. O vestuário, a alimentação, a mobília mostram, no ingênuo deslumbramento, a subversão dos hábitos lusos, vagarosamente rompidos com os valores culturais que a presença europeia infiltrava, justamente com as mercadorias importadas. O contato litorâneo das duas culturas, uma dominante já no período final da segregação colonial, articula-se no ajustamento das economias. Ao Estado, a realidade mais ativa da estrutura social, coube o papel de intermediar o impacto estrangeiro, reduzindo-o à temperatura e à velocidade nativas.*

Raymundo Faoro, Os donos do poder.

- a) Considerado o contexto, é inteiramente adequado o emprego, no texto, das expressões “europeizava-se” e “presença europeia”? Explique sucintamente.
- b) As palavras “litorâneo” e “temperatura” foram usadas, ambas, no texto, em seu sentido literal? Justifique sua resposta.

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO



a) Não é inteiramente adequado o emprego das expressões “europeizava-se” e “presença europeia” no texto. Na tentativa de esclarecer ou analisar o desenvolvimento da cultura colonial brasileira a partir da chegada da família real em 1808, o autor do texto usou os termos de maneira generalista e pouco precisa. O Brasil, durante toda a sua história colonial, de forma óbvia, sofreu as influências portuguesas. Naquele momento, com a chegada da família real, a colônia aportuguesava-se ainda mais e, aos poucos, sofria a influência da Inglaterra graças ao enriquecimento das relações comerciais com aquele país.

b) Em nenhum dos dois casos, as palavras “litorâneo” e “temperatura” foram usadas em seu sentido literal. Litorâneo, numa relação da parte pelo todo, expressa no texto o sentido das atividades comerciais realizadas por mar entre as duas nações. Temperatura é uma metáfora para a necessidade de adequação ou intermediação da presença estrangeira no Brasil.

**Questão 04**

CURSO E COLÉGIO



Leia o texto.

*Na mídia em geral, nos discursos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente, deparamo-nos repetidas vezes com a palavra cidadania. Esse largo uso, porém, não torna seu significado evidente. Ao contrário, o fato de admitir vários empregos deprecia seu valor conceitual, isto é, sua capacidade de nos fazer compreender certa ordem de eventos. Assim, pode-se dizer que, contemporaneamente, a palavra cidadania atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação, mas caminha em sentido inverso quando se trata da cognição, do uso cognitivo da linguagem. Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?*

Maria Alice Rezende de Carvalho, Cidadania e direitos.

- a) Segundo o texto, em que consistem o uso comunicativo e o “uso cognitivo” da linguagem? Explique resumidamente.
- b) Responda sucintamente a pergunta que encerra o texto: “Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?”

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO



a) O uso comunicativo da linguagem é, relativamente, superficial e não preocupado em possuir total domínio de seu efeito de sentido, podendo demonstrar uma ideia “vazia”. Já o uso cognitivo é mais relacionado ao real significado da palavra. Tais relações são vistas no texto uma vez que o termo “cidadania” está sendo usado sem ter uma preocupação com o que de fato representa.

b) A palavra cidadania é constantemente evocada por ser um tema muito discutido, bastante exigido e, conseqüentemente, por se tratar de um assunto do qual se cobra a opinião da sociedade. Sendo assim, não existe a preocupação com o uso cognitivo da palavra “cidadania”, ou seja, ocorre apenas um discurso vazio sem aprofundamentos acerca dele.

**Questão 05**

CURSO E COLÉGIO



Leia o excerto.

*Ninguém mais vive, reparou? Vivencia. “Estou vivenciando um momento difícil”, diz Maricotinha. Fico penalizado, mas ficaria mais se Maricotinha estivesse passando por ou vivendo aquele momento difícil. Há uma diferença, diz o dicionário. Viver é ter vida, existir. Vivenciar também é viver, mas implica uma espécie de reflexão ou de sentir. Não é o caso de Maricotinha. O que ela quer dizer é viver, passar por. Mas disse vivenciar porque é assim que, ultimamente, os pedantes a ensinaram a falar.*

Ruy Castro, Folha de S. Paulo, 27 de junho de 2012. Adaptado.

a) Da personagem José Dias, diz o narrador do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis: “José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases”. Em que o comportamento linguístico de Maricotinha, tal como o caracteriza o texto, se compara ao da personagem machadiana?

b) Quem já ..... a perda de um parente conhece a dor que estou sentindo.

Preencha a lacuna da frase acima, utilizando o verbo viver ou o verbo vivenciar, de acordo com a preferência do autor do texto. Justifique sua escolha.

c) No trecho “os pedantes a ensinaram a falar”, a palavra “pedante”, considerada no contexto, pode ser substituída por .....

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO



a) O comportamento linguístico de Maricotinha se compara ao de José Dias pela elaboração de um discurso chamado pedante, mais estético e formalista e menos conteudista, por isso mesmo vago e nebuloso que reflete um vazio existencial.

b) De acordo com a preferência do autor do texto, o verbo adequado é “viveu”.

c) A palavra “pedante” pode ser substituída por pretensioso ou arrogante.

## Questão 06

CURSO E COLÉGIO



Leia as seguintes manchetes:

Grupo I	Grupo II
<i>Esperada, na Câmara, a mensagem pedindo a decretação do estado de guerra</i> Jornal do Brasil, 07 de outubro de 1937.	<i>Quase metade dos médicos receita o que indústria quer</i> Folha de S. Paulo, 31 de maio de 2010.
<i>Encerrou seus trabalhos a Conferência de Paris</i> Folha da Manhã, 16 de julho de 1947.	<i>Novo terminal de Cumbica atenderá 19 milhões ao ano</i> Folha de S. Paulo, 26 de junho de 2011.
<i>Causaram viva apreensão nos E.U.A. os discos voadores</i> Folha da Manhã, 30 de julho de 1952.	<i>MEC divulga hoje resultados do Enem por escolas</i> Zero Hora, 22 de novembro de 2012.

a) Cada um dos grupos de manchetes acima reproduzidos, por ter sido escrito em épocas diferentes, caracteriza-se pelo uso reiterado de determinados recursos linguísticos. Indique um recurso linguístico que caracteriza as manchetes de cada um desses grupos.

b) Manchetes jornalísticas costumam suprimir vírgulas. Transcreva a última manchete de cada grupo, acrescentando vírgulas onde forem cabíveis, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

## Resposta:

CURSO E COLÉGIO



a) O principal recurso linguístico que diferencia as épocas retratadas está na organização sintática das manchetes, especificamente em relação à posição do sujeito e verbo. É possível notar que, nos enunciados antigos, o sujeito está sempre posposto ao verbo, ou seja, após ele. Tomando como exemplo a segunda manchete para comprovar: Encerrou (verbo transitivo direto) seus trabalhos (objeto direto) a Conferência de Paris (sujeito).

Já nas manchetes atuais, o sujeito está anteposto ao verbo, ou seja, antes dele. Exemplificando com o primeiro enunciado: Quase metade dos médicos (sujeito) receita (verbo transitivo direto) o que a indústria quer (objeto direto).

b) Na última frase do Grupo I, a possibilidade de “nos E.U.A.” ser um adjunto adverbial de lugar, indicando onde foi causada a viva apreensão. Como adjuntos adverbiais que não aparecem no final da frase devem ser isolados por vírgulas, teríamos: Causaram viva apreensão, nos E.U.A., os discos voadores.

Já no Grupo II, o adjunto adverbial “hoje”, por também não aparecer no término do período, deveria estar separado por vírgulas. Teríamos: Mec divulga, hoje, resultados do Enem por escolas.

Uma consideração deve ser feita na frase do Grupo I. Se o termo “nos E.U.A.” for encarado como um objeto indireto do verbo causar (ou seja, os discos voadores deixaram os E.U.A. apreensivos), a presença de vírgulas não deveria ocorrer (parafraseando para explicitar esse sentido: Os discos voadores causaram nos E.U.A. viva apreensão). Não se pode afirmar se essa interpretação será aceita pela banca, uma vez que há essa dupla interpretação sintática.



Leia com atenção o trecho de *Til*, de José de Alencar, para responder ao que se pede.

[Berta] - *Agora creio em tudo no que me disseram, e no que se pode imaginar de mais horrível. Que assassines por paga a quem não te fez mal, que por vingança pratiques crueldades que espantam, eu concebo; és como a suçuarana, que às vezes mata para estancar a sede, e outras por desfastio entra na mangueira e estraçalha tudo. Mas que te vendas para assassinar o filho de teu benfeitor, daquele em cuja casa foste criado, o homem de quem recebeste o sustento; eis o que não se compreende; porque até as feras lembram-se do benefício que se lhes fez, e têm um faro para conhecerem o amigo que as salvou.*

[Jão] - *Também eu tenho, pois aprendi com elas; respondeu o bugre; e sei me sacrificar por aqueles que me querem. Não me torno, porém, escravo de um homem, que nasceu rico, por causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro. Não foi por mim que ele fez isso; mas para se mostrar ou por vergonha de enxotar de sua casa a um pobre-diabo. A terra nos dá de comer a todos e ninguém se morre por ela.*

[Berta] - *Para ti, portanto, não há gratidão?*

[Jão] - *Não sei o que é; demais, Galvão já pôs-me quites dessa dívida da farinha que lhe comi. Estamos de contas justas! acrescentou Jão Fera com um suspiro profundo.*

- a) Nesse trecho, Jão Fera refere-se de modo acerbo a uma determinada relação social (aquela que o vinculava, anteriormente, ao seu “benfeitor”, conforme diz Berta), revelando o mal-estar que tal relação lhe provoca. Que relação social é essa e em que consiste o mal-estar que lhe está associado?
- b) A fala de Jão Fera revela que, no contexto sócio-histórico em que estava inserido, sua posição social o fazia sentir-se ameaçado de ser identificado com um outro tipo social - identificação, essa, que ele considera intolerável. De que identificação se trata e por que Jão a abomina?

Explique sucintamente.

a) Na lógica interna do romance *Til*, a Fazenda das Palmas, de Luís Galvão, é a reprodução de um feudo, ao redor do qual movimentam-se personagens que em praticamente tudo dependem de sua ação centralizadora. Por essa razão, os tipos humanos que ali vivem estão de algum modo vinculados às decisões e ao poder de Luís Galvão, representante de uma aristocracia rural do início do Império, na primeira metade do século XIX. Nessas relações, dois vínculos se destacam: o senhor e o escravo; e o senhor e o empregado, caso da relação entre Luís Galvão e Jão Fera, cujo mal-estar deriva tanto dessa relação de subserviência quanto do amor frustrado do bugre pela cabocla Besita, também objeto de desejo de Luís Galvão.

b) Jão Fera não admitia ser identificado com o escravo negro, que era tratado, naquele sistema, como coisa, objeto. Jão Fera, por sua vez, estabelecia um vínculo de trabalho com o fazendeiro Luís Galvão, incrementado, no plano emocional, por atitudes sacrificiais como ele próprio afirma: “[...] e sei me sacrificar por aqueles que me querem”.

**Questão 08**

CURSO E COLÉGIO



No excerto abaixo, narra-se parte do encontro de Brás Cubas com Quincas Borba, quando este, reduzido à miséria, mendigava nas ruas do Rio de Janeiro:

*Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis, - a menos limpa, - e dei-lha [a Quincas Borba]. Ele recebeu-ma com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar, e agitou-a entusiasmado.*

*- In hoc signo vinces!\* bradou.*

*E depois beijou-a, com muitos ademanos de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.*

*- Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.*

*- Sim? acudiu ele, dando um bote para mim.*

*- Trabalhando, concluí eu.*

\*“In hoc signo vinces!”: citação em latim que significa “Com este sinal vencerás” (frase que teria aparecido no céu, junto de uma cruz, ao imperador Constantino, antes de uma batalha).

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

a) Tendo em vista a autobiografia de Brás Cubas e as considerações que, ao longo de suas *Memórias póstumas*, ele tece a respeito do tema do trabalho, comente o conselho que, no excerto, ele dá a Quincas Borba: “- Trabalhando, concluí eu”.

b) Tendo, agora, como referência, a história de D. Plácida, contada no livro, discuta sucintamente o mencionado conselho de Brás Cubas.

**Resposta:**

CURSO E COLÉGIO



a) O conselho é irônico, visto que Brás Cubas – membro de uma elite patriarcal do século XIX – viveu da herança do pai, não se deu ao trabalho, desclassificava o trabalho já que este era feito por escravos, como se vê no trecho do “Capítulo das Negativas”: “coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”.

b) Embora Quincas Borba e D. Plácida sejam de origem simples, praticamente mendicantes diante de Brás Cubas, a Quincas ele aconselha o trabalho e a D. Plácida ele beneficia com favores financeiros como é o caso dos cinco contos de réis que ele próprio achou em um passeio que fez no bairro de Botafogo. Esse tratamento diferente com D. Plácida é motivado pelo interesse de Brás Cubas em comprar o silêncio da mesma em relação a seu caso adúltero com Virgília.



**Questão 09**CURSO E COLÉGIO 

Embora seja, com frequência, irônico a respeito do livro e de si mesmo, o narrador das *Viagens na minha terra* não deixa de declarar ao leitor que essa obra é “primeiro que tudo”, “um símbolo”, na medida em que, diz ele, “uma profunda ideia (...) está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagenszita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada (...)”.

Tendo em vista essas declarações do narrador e considerando a obra em seu contexto histórico e literário, responda ao que se pede.

- a) Do ponto de vista da história social e política de Portugal, o que está simbolizado nessa viagem?
- b) Considerada, agora, do ponto de vista da história literária, o que essa obra de Garrett representa na evolução da prosa portuguesa? Explique resumidamente.

**Resposta:**CURSO E COLÉGIO 

a) Está simbolizada nesta história de viagens a conflituosa identidade portuguesa, que se mostra como dúvida entre passadismo e modernização, religião e ciência, romantismo e realismo, absolutismo e liberalismo. Esses binômios também podem ser ilustrados pela oposição entre os polos da viagem: Lisboa (cidade, modernidade) e o Vale de Santarém (passadismo medieval).

b) Apesar de ser uma obra enquadrada no Romantismo português, *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, representa um rompimento em certa medida tanto com as bases clássicas de formação do autor quanto com o próprio Romantismo, antecipando características da prosa realista e moderna de Eça de Queirós. Essa antecipação se dá por meio de: experimentação de foco narrativo cambiante, variação de gêneros dentro da narrativa, texto digressivo que acomoda o intertexto, a metalinguagem e contínuos diálogos com o leitor (recepção).

Leia o seguinte poema.

### TRISTEZA DO IMPÉRIO

*Os conselheiros angustiados  
ante o colo ebúrneo  
das donzelas opulentas  
que ao piano abemolavam  
“bus-co a cam-pi-na se-re-na  
pa-ra-li-vre sus-pi-rar”,  
esqueciam a guerra do Paraguai,  
o enfado bolorento de São Cristóvão,  
a dor cada vez mais forte dos negros  
e sorvendo mecânicos  
uma pitada de rapé,  
sonhavam a futura libertação dos instintos  
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de  
Copacabana,  
[com rádio e telefone automático.*

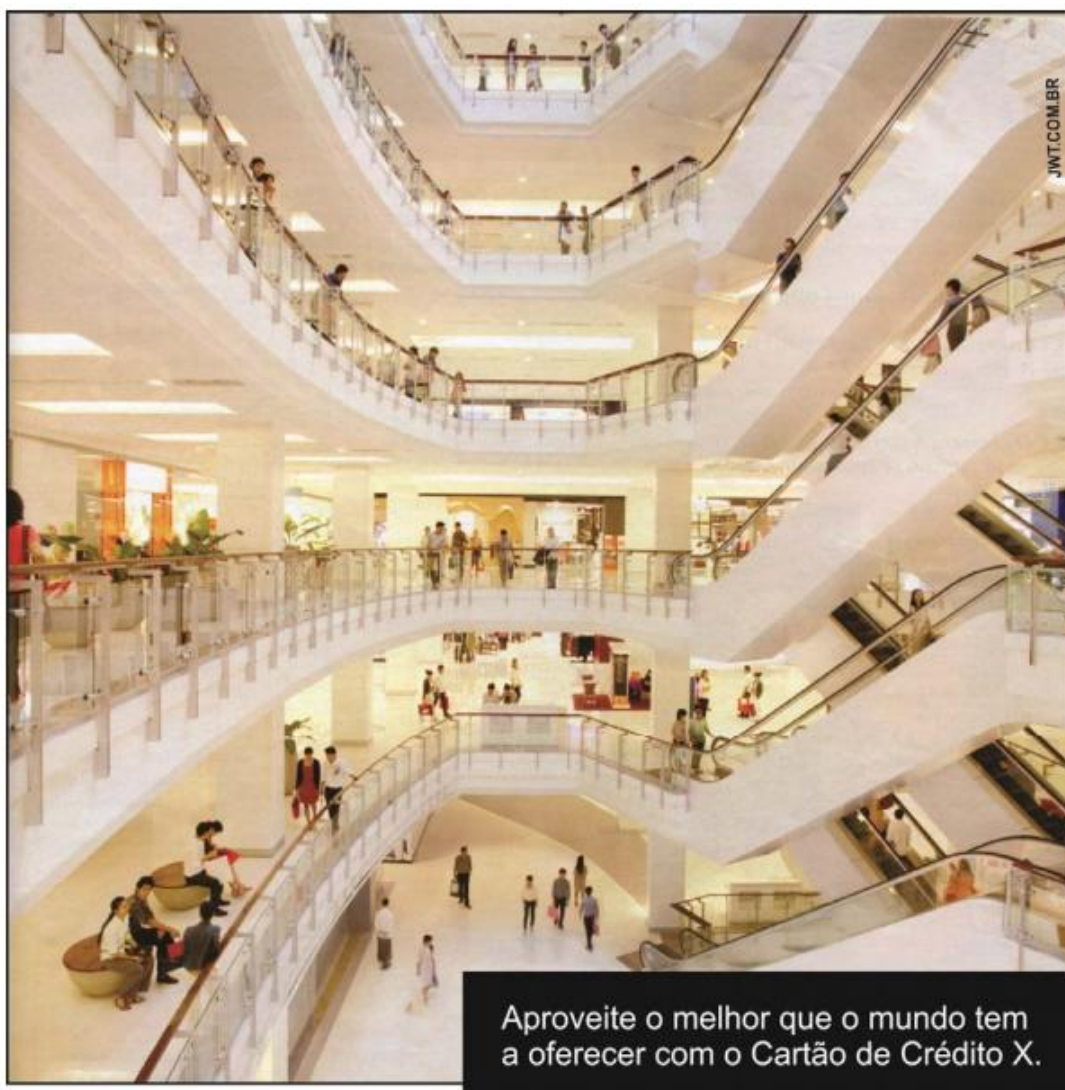
Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

- a) Compare sucintamente “os conselheiros” do Império, tal como os caracteriza o poema de Drummond, ao protagonista das Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis.
- b) Ao conjugar de maneira intempestiva o passado imperial ao presente de seu próprio tempo, qual é a percepção da história do Brasil que o poeta revela ser a sua? Explique resumidamente.

### Resposta:

a) Os “conselheiros angustiados” referidos no poema *Tristeza do Império*, de Drummond, correspondem a Brás Cubas, protagonista do romance de Machado de Assis, representantes de uma elite patriarcal, escravocrata, senhorial e proprietária de terras. Percebe-se em ambos os casos uma inaptidão quanto a realização da própria vida, como se vê nas passagens “conselheiros angustiados”, “enfado bolorento de São Cristóvão”, “sorvendo mecânicos”, estados de coisas que se amplificam no título “Tristeza do Império” e que correspondem a imagens de não realização que constituem o “Capítulo das Negativas” de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Outro ponto possível de aproximação entre os protagonistas pode ser a alienação social tanto dos “conselheiros angustiados” que se esqueciam da Guerra do Paraguai quanto de Brás Cubas que se demonstrava egocêntrico.

b) A percepção da História do Brasil revelada por Drummond é crítica, aguda, irônica, e traz a tona o enfado, a frivolidade, a mesmice de atitudes, a inautenticidade de gestos “mecânicos” de uma elite estado novista, antidemocrática, antiparlamentar, que comprou a ilusão de segurança do sistema totalitarista de Getúlio Vargas e era herdeira dos mesmos paradigmas da elite do século XIX.



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012. Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

**Instruções:**

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

A **prova de Redação da Fuvest 2013** apresentou ao aluno um tema bem profícuo – o **consumismo** – uma vez que a prática exagerada do consumo pode ser, facilmente, percebida nas nossas relações pessoais e sociais contemporâneas. Além disso, o assunto redacional não foi completamente novo, visto que na prova do ano passado, da mesma instituição, o último trecho da coletânea trazia referências de relações entre a política (tema da prova de redação da Fuvest 2012) e o consumo. O vestibulando que se preparou, ao longo do ano, tendo contato com provas de vestibulares de instituições variadas, de anos diversos, também não considerou o tema da Fuvest deste ano inédito, já que a avaliação redacional do ITA, em 2007, abordou, exatamente, o mesmo assunto. Inclusive, as ideias presentes no texto-base apresentado ao aluno – uma imagem de um cartão de crédito com os dizeres, em inglês, “I shop, therefore I am” – era muito parecido com o (único) texto fornecido pela Fuvest, neste ano.

E foi exatamente essa a novidade da prova em 2013. Se com relação ao tema não houve ineditismo, com relação à coletânea houve uma relevante mudança: uma fotografia de um shopping, acompanhada de um texto publicitário (“Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o Cartão de Crédito X”) foi o único trecho da coletânea, diferentemente de edições anteriores, em que a prova sempre disponibilizava vários excertos, que poderiam contribuir para a reflexão acerca do tema. Na edição deste ano, a Fuvest apenas apontou “caminhos” para uma reflexão. Isso foi feito no segundo parágrafo posterior à imagem acompanhada do texto publicitário no qual se encontrava a seguinte indicação: “se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante”

Para a produção da dissertação, o aluno teria que ter pensado: qual é a determinada mentalidade expressa pela propaganda? Qual é e como é a visão de mundo projetada? Quais valores estão manifestados, direta e indiretamente, na propaganda? Respondendo a essas e outras perguntas, o candidato teria tido, em mãos, relevantes ideias que poderiam ter sido transformadas em embasados argumentos. Essas perguntas (e as respectivas respostas) também seriam importantes para auxiliar o aluno a identificar o recorte do tema, o enfoque do assunto, visto que, também diferentemente de anos anteriores, o recorte temático, neste ano, não veio explícito em forma de frase. Dada a pouca coletânea, o aluno teria que, obrigatoriamente, recorrer à sua bagagem de leitura, à sua leitura de mundo, ao que ele já leu, ouviu e viu acerca do assunto que, como mencionado no início deste comentário, é facilmente perceptível no mundo que o cerca, na sociedade em que vive.

Tema não inédito, mas bem reconhecível na vida do vestibulando, coletânea de um único trecho, recorte temático implícito: assim foi a prova de redação da Fuvest de 2013. O aluno que não se amedrontou com as “novidades” da avaliação redacional, o aluno que tem capacidade de reflexão sobre as questões que permeiam o mundo à sua volta teve, diante de si, a chance de produzir uma excelente dissertação.